

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS E PROGRAMAS
EDUCACIONAIS
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE**

ÂNGELA MARIA SCOPEL BONATTO

ARTIGO FINAL

**UMA REFLEXÃO SOBRE A FUNÇÃO DA ESCOLA A PARTIR DA
TEORIA CRÍTICA SOCIEDADE**

**CURITIBA
2008**

RESUMO

O presente artigo discute a função da escola, bem como os fatores que intervêm no desempenho de seu papel, tomando os fundamentos da Teoria Crítica da Sociedade para conhecer as determinações que a racionalidade tecnológica, própria da sociedade capitalista, imprime nas diferentes instâncias sociais e especificamente na educação. No desenvolvimento da temática mediante pesquisa bibliográfica e pesquisa-ação realizada com os professores na escola e em ambiente virtual pelo Grupo de Trabalho em Rede (GTR) é evidenciado que a sociedade contemporânea caracteriza-se pelo acúmulo de capital, e toma a ciência e a tecnologia como forças produtivas a fim de manter a sociedade de consumo. Assim, as ciências deixam de ser parâmetro da razão humana e passam a ser parâmetro da razão tecnológica, configurando essa sociedade com bases na racionalidade da irracionalidade. Neste contexto social o homem perde sua condição de sujeito e vive a alienação, originando valores como: a busca pelo prazer imediato, o egocentrismo, a negação do outro, a competição, a generalização e a banalização da cultura. Tais determinações interferem na escola levando-a a perder sua verdadeira função de ensinar e realizar uma formação autêntica no sentido de atuar em busca da emancipação, do esclarecimento e da humanização.

Palavras - chave: Sociedade. Escola. Formação. Emancipação.

ABSTRACT

The present article discusses the role of the school, as well as the factors involved in the accomplishment of its role, using as a basis the Critical Society Theory to get to know the determinations of the technological rationale, part of the capitalist society, and its influence on different social instances and specifically on education. During the development of the theme, after bibliographical research and action-research, done with the teachers at school and in the virtual environment of Network Work Group (GRT), it was evident that the contemporary society is characterized by the accumulation of capital, and takes science and technology as productive forces with the objective of maintaining a consumerist society. In this way, the sciences no longer are the parameter of human reasoning and start being the parameter of technological reasoning, configuring this society based on rationality and irrationality. In this social context, man has lost his subjective condition and lives alienated, originating values such as: search for immediate pleasure, egocentrism, denial of others, competition, cultural generalization and trivialization. Such determinations interfere in the school, causing it to lose its true role of teaching and accomplishing the authentic training, in the sense of acting in favor of emancipation, clarification and humanization.

Key words: Society. School. Training. Emancipation.

UMA REFLEXÃO SOBRE A FUNÇÃO DA ESCOLA A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA SOCIEDADE

Prof^a PDE Ângela Maria Scopel Bonatto¹

Prof. Orientador IES-UFPR Américo Agostinho Rodrigues Walger ²

INTRODUÇÃO

A proposta de estudo tem como objetivo a reflexão sobre a função da escola, bem como sobre o papel que esta desempenha atualmente. Pensar sobre esse tema, a princípio, parece irrelevante pela sua obviedade, pois há um consenso estabelecido entre os envolvidos com a educação, sejam pais e professores, de que a escola é indispensável para o desenvolvimento dos indivíduos, e a partir desse entendimento a aceitam, passivamente, sem preocuparem-se sobre a qualidade dessa formação escolar. Percebe-se uma acomodação e, não mais se questiona: Escola para quê e por quê? E, parafraseando NAGEL (2005, p.3), essa pergunta muda o interesse tanto do indivíduo quanto da sociedade, quando a escola é tomada no limite de seus resultados ou na sua relação com as conseqüências de sua educação. Assim, utilizando os dados coletados pelo INEP, com as avaliações realizadas pelo SAEB e a Prova Brasil, de 1995 até 2005, pretende-se conhecer o desempenho que a educação brasileira vem obtendo, e constatar a formação que a escola vem propiciando:

Tabela 1–Médias de Proficiência em Língua Portuguesa
Brasil
1995 – 2005

Série	1995	1997	1999	2001	2003	2005
4a Série do E.F	188,3	186,5	170,7	165,1	169,4	172,3
8a Série do E.F	256,1	250,0	232,9	235,2	232,0	231,9
3a Série do E.M	290,0	283,9	266,6	262,3	266,7	257,6

Fonte: MEC/INEP/SAEB

¹ Pedagoga do Colégio Estadual Júlio Nerone e Colégio Estadual Sagrada Família em Campo Largo.

² Meus agradecimentos ao Professor Agostinho pelos momentos dedicados aos estudos com o grupo sob sua orientação, momentos de instigantes reflexões que viabilizaram a compreensão da Teoria Crítica da Sociedade.

Provas de Língua Portuguesa estruturadas com conteúdos de leitura que visam a competência de apreender o texto em diferentes níveis de compreensão, análise e interpretação. Resultados aferidos numa escala de 125 a 350 pontos.

Tabela 2 - Médias de Proficiência em Matemática
Brasil
1995 – 2005

Série	1995	1997	1999	2001	2003	2005
4a Série do E.F	190,6	190,8	181,0	176,3	177,1	182,4
8a Série do E.F	253,2	250,0	246,4	243,4	245,0	239,5
3ª Série do E.M	281,9	288,7	280,3	276,7	278,7	271,3

Fonte: MEC/INEP/SAEB

Provas de Matemática estruturadas sobre o foco de resolução de problemas contemplando os conteúdos de espaço e forma, grandezas e medidas, números e operações/álgebra e funções e tratamento da informação. Resultados aferidos numa escala de 125 pontos a 375 pontos.

Observando os resultados do SAEB e da Prova Brasil de 1995 a 2005, em que se avaliou a aquisição de conteúdos básicos de leitura e compreensão de textos em Língua Portuguesa e a resolução de problemas em conteúdos básicos de Matemática percebe-se um declínio no desempenho dos alunos, no decorrer destes anos, revelando uma aprendizagem que não atinge o nível desejável para a série avaliada. Este quadro preocupante remete a seguinte inquietação: Como a escola vem proporcionando uma formação aquém do desejado, apresentando lacunas em aquisições básicas de leitura, escrita, interpretação e cálculo, restringindo, desse modo, a inserção emancipada do educando no mundo, se essa mesma escola pertence a uma sociedade que dispõe de aprimorado avanço científico, tecnológico e das ciências humanas?

Perante esta contradição e com base na pesquisa pretende-se reconhecer se a escola tem desempenhado sua função para uma formação crítica, humanizadora e emancipatória do aluno, levando-o a reconhecer-se como sujeito no mundo. Identificar os fatores que intervêm no contexto educacional para a redução da qualidade da formação. E como a reflexão sobre a função da escola a partir da Teoria Crítica da Sociedade, pode contribuir para a formação continuada dos docentes, visando a superação da pseudoformação.

A pesquisa tem como objeto de estudo a função da escola, sendo que a compreensão e aprofundamento teórico do assunto se concretiza mediante pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa ao explorar o tema sob a perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade, a qual evidencia e aponta reflexões significativas quanto ao sentido da escola na sociedade contemporânea marcada pela racionalidade tecnológica. E, com base nesta linha teórica, toma-se como principal referência as contribuições dos frankfurtianos Adorno e Horkheimer e os autores correlatos aos seus escritos. O estudo contempla também a pesquisa ação, ao realizar a integração entre pesquisador e professores da rede estadual em dois momentos pontuais: no ambiente virtual pelo Grupo de Trabalho em Rede (GTR) e na escola com a Implementação da Proposta de Intervenção, configurada pela aplicação de projeto de Formação Continuada aos Professores.

A FUNÇÃO DA ESCOLA NA PERSPECTIVA DA TEORIA CRÍTICA

Para abordar sobre a função da escola, é importante conhecer como este conceito está colocado no contexto educacional.

A Constituição Federal de 1998, no artigo 205, determina que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN 9394/96, no artigo 21, estabelece que “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

As Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental do Paraná, mencionam que o papel fundamental da escola é “o trabalho com o conhecimento que propicie aos alunos oportunidades de aprendizagem para que adquiram chaves conceituais de compreensão de seu mundo e de seu tempo; deve ainda permitir que tomem consciência das operações que mobilizam durante a aprendizagem, contribuindo para que prossigam na relação de conhecimento, que é desvendamento, compreensão e transformação do que se dá a conhecer”.

Percebe-se que a legislação, nas diferentes esferas, apresenta como função da escola a formação integral do indivíduo, a formação para a cidadania e a possibilidade de continuidade nos estudos. No entanto a escola tem se mostrado impotente na concretização do seu papel, assim na tentativa de elucidar essa problemática, pretende-se compreender os fatores sociais e psicológicos da sociedade capitalista e averiguar como determinam e condicionam as relações na sociedade contemporânea e, especificamente na esfera da educação.

A análise que Adorno e Horkheimer (1985) fazem a respeito da sociedade capitalista sob a ótica da industrialização da cultura, evidencia que o capitalismo, que rege a sociedade contemporânea tem como característica o acúmulo de capital, que se fortalece com a produção e consumo de massa tomando a ciência e tecnologia como forças produtivas. A indústria, a produção em massa, a padronização se irradiam para as diversas instâncias sociais, inclusive da cultura banalizando-a e, portando definindo novos parâmetros sociais e culturais.

Essa cultura industrializada, vem reduzindo o homem a um ser genérico, que cede a sua subjetividade, isto é a sua individualidade, à subjetividade heterônoma. Passa a ser mais um entre tantos outros, ficando a mercê da vontade do poder econômico, o que induz o indivíduo a perder a sua autonomia, alienando-o pela manipulação a que esta sociedade o submete, e tirando-o da condição de sujeito a objeto. Esta cultura industrializada, que padroniza inclusive ao homem, substitui a cultura que exercia o papel de esclarecimento, e por meio da ideologia, a cultura industrializada passa a ser instrumento de alienação pela supressão do pensamento e da consciência. A ideologia, na cultura reificada, isto é que usa o homem, age como um instrumento de dominação que age pelo convencimento, alienando a consciência humana ao mascar a realidade.

Conseqüentemente esta sociedade da indústria cultural mantida pela racionalidade tecnológica impõe novos parâmetros sociais como a inversão de valores substituindo o ser pelo ter, enquanto cria necessidades de consumo e estabelece linguagem própria para efetivar a alienação.

A compreensão da lógica da sociedade capitalista e de suas determinações as quais, relegam o homem a segundo plano preconizando o consumismo, induz as seguintes indagações: Como a escola está inserida na sociedade de consumo? Ela oferece resistência ou adapta-se a lógica da

mercantilização? A banalização dos aspectos culturais a que foi submetida a cultura se repete na escola?

Diante deste contexto social, ADORNO (1995) pela confrontação e desmistificação das relações sociais apresenta uma concepção de educação articulada pelos conceitos de emancipação e educação contra a barbárie.

Para conceituar emancipação, toma-se como referência a resposta de Kant ao que seja o esclarecimento: ‘ um estado de menoridade que é auto-inculpável quando sua causa não é a falta do entendimento, mas a falta de decisão e coragem, de servir-se do entendimento, sem a orientação de outrem. (KANT apud ADORNO, 1995, p. 169)

Desse modo, as condições para a emancipação estão no entendimento e na coragem do indivíduo em servir-se desse entendimento que gera a autonomia da pessoa. É perceptível que a organização social em que vivemos é heterônoma. É muito difícil viver por determinações próprias, pois a sociedade nos forma mediante a mídia, de modo que a tudo absorvemos e aceitamos nos termos desta configuração heterônoma, desviando de nós mesmos a consciência, a autonomia.

A expressão esclarecimento é utilizada por ADORNO e HORKHEIMER(1985) como o processo de “desencantamento do mundo” onde as pessoas se libertam do medo de uma natureza desconhecida, à qual atribuem poderes ocultos para entender o seu desamparo frente a ela. É o processo pelo qual ao longo da história os homens se libertam das potências míticas da natureza, pelos processos de racionalização, mediante o uso da razão procedentes da filosofia e da ciência.

Podemos dizer que, atualmente, dispomos das condições de vivenciarmos o esclarecimento, condições estas representadas pelo avanço da ciência e da tecnologia, mas isto se tornou duvidoso em face da pressão exercida sobre as pessoas. É preciso ver as dificuldades que se opõem à emancipação nesta organização social.

É constatável, hoje, como a ciência e o conhecimento científico são usados pelo interesse do capital perdendo o seu caráter de esclarecimento, ao que pode-se exemplificar com as descobertas científicas da medicina que são negadas às populações para manter os interesses econômicos de uma minoria.

Não raro, depara-se na mídia com notícias de interesse político, social e econômico como: atos de corrupção no país que são apresentadas nas mais diversas e contraditórias versões, inviabilizando a transparência dos fatos. Assim as pessoas são invadidas por inúmeras informações, sem o conhecimento do que realmente ocorre. Vive-se o retrocesso.

Educar para a emancipação exige que se reconheça como a dinâmica da sociedade nega às pessoas a consciência do existente, impondo a constante adaptação, e a partir deste reconhecimento prepará-las para se orientarem no mundo resistindo ao que está dado. A concretização efetiva da emancipação consiste em que as pessoas interessadas, orientem sua energia para a contradição e para a resistência.

Uma vez que bens culturais são industrializados, a arte na expressão da música, do cinema, do rádio passa a ser padronizada, repetitiva, previsível com o empobrecimento dos materiais estéticos. Adorno e Horkheimer (1985) em relação às atuais produções artísticas de filmes mencionam que "... o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra..." (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.119) isto para as pessoas não usufruírem da mínima possibilidade de reflexão, adestrando-as para uma identificação imediata com a realidade.

A linguagem de fácil entendimento, a banalização da cultura dificulta a atividade intelectual e qualquer possibilidade de resistência, o que mantém a alienação. As pessoas afastam-se cada vez mais dos processos de pensamento baseados na razão humana e, conseqüentemente, estes efeitos chegam até a escola imprimindo-lhe a razão tecnológica, afastando-a de sua função primordial de ensinar.

Assim, pergunta-se como a escola vem desempenhando sua função para uma formação emancipadora?

Há que se tomar cuidado com os efeitos de um processo educacional, que considere o esclarecimento da consciência, sem revelar a forma social em que a educação se realiza como mera apropriação de conhecimentos técnicos. A educação no sentido de promover a emancipação, consiste na produção de uma verdadeira consciência, colocada como necessidade política em

função de que uma democracia efetiva só pode ser imaginada em uma sociedade emancipada.

À escola cabe explicitar a alienação a qual estamos submetidos pela análise reflexiva, pois a alienação tira do homem a aptidão à experiência que “consiste essencialmente na conscientização e, desta forma, na dissolução desses mecanismos de repressão e dessas formações reativas que deformam nas próprias pessoas sua aptidão à experiência.” (ADORNO 1995, p.150)

Pode-se perceber a reação à experiência, na recusa de uma experiência no sentido formativo, quando os jovens omitem-se a ouvir música eruditas, apregoando que a época dos clássicos já passou, a música de seu tempo é o “funk”, o “rap”. Aderem ao que é padronizado, é uma forma de não serem excluídos, o que caracteriza a sociedade da indústria cultural, com a intenção expropriar os indivíduos do esclarecimento. Percebe-se que as pessoas agem sem pensar reflexivamente sobre suas escolhas. E o que caracteriza a consciência é pensar em relação à realidade e ao conteúdo em relação entre as formas de pensamento do sujeito e aquilo que ele não é. Pensar, desse modo, é o mesmo que fazer experiências intelectuais que propiciam a emancipação.

O desenvolvimento da emancipação é condição necessária para a vida na democracia, mas as condições sociais insistem em dirigir de forma heterônoma as pessoas negando a autonomia e emancipação. Assim, a autonomia que é condição para se fazer sujeito no mundo é tema para se refletir na educação, junto a todos os que dela fazem parte professores, pedagogos, diretores e pais. E, coletivamente buscar alternativas para concretizá-la no contexto escolar.

Quando se propõe a emancipação pela educação é pertinente perguntarmos emancipação e autonomia para quê?

Adorno, em seus escritos ressalta que a educação para a emancipação vem acompanhada da necessária educação contra a barbárie. Entendendo por barbárie “a presença de comportamentos agressivos, de impulsos destrutivos, sem uma relação com objetivos racionais na sociedade, os quais são incompatíveis com os avanços da civilização atual.” (ADORNO,1995, p.159).

No ensaio Educação e Emancipação, Adorno (1995) afirma que:

Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo

enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram essa regressão. (ADORNO, 1995, p.119)

Constata-se, sem dificuldades em nosso cotidiano, atos de barbárie ao presenciar jovens da classe média que agridem empregada doméstica, incendeiam índio expressando uma agressividade primitiva. Tais situações demonstram que as condições que geraram a barbárie estão presentes na sociedade, inicialmente, porque a barbárie está presente no processo civilizatório, como diz ADORNO (1995):

Dentre os conhecimentos proporcionados por Freud, efetivamente relacionados inclusive à cultura e à sociologia, um dos mais perspicazes, é de que a civilização, por seu turno, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório. ...Se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador. (ADORNO, 1995, p.120)

Essa afirmação remete à forma como ocorreu o processo civilizatório, isto é: o homem se civilizou pela renúncia de seus instintos, de sua libido. Historicamente o homem primevo para sobreviver sobre na Terra viu que lhe seria útil conviver e trabalhar com o outro, seu semelhante, e assim, socializou e desenvolveu a cultura. Essa repressão e a renúncia dos instintos do homem é compensada por meio da cultura, pois:

A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante para a vida civilizada. (FREUD, 1974, p.118)

Percebe-se a relevância da cultura para a civilidade. No entanto, esta é lograda aos homens no decorrer do tempo, pois a própria cultura separou os homens, por ocasião da divisão do trabalho físico do trabalho intelectual. Conseqüentemente a produção do saber – a ciência e a arte, as decisões políticas, sociais e produtivas/econômicas, uma vez de posse privada de alguns indivíduos, distancia a maioria detentora do trabalho manual, negando, aos homens, a promessa de uma vida justa pela partilha do que é criado culturalmente a toda humanidade.

Confirma-se em Freud (1974), ao mencionar a não compensação pela cultura dos instintos e desejos reprimidos nos seguintes termos:

...é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização construída sobre a renúncia do instinto, o quanto ela pressupõe exatamente a não-satisfação (pela opressão, repressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos. Essa “frustração cultural” domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos. Como já sabemos, é causa da hostilidade contra a qual todas as civilizações têm de lutar.....Não é fácil entender como pode ser possível privar de satisfação um instinto. Não se faz impunemente. Se a perda não for economicamente compensada.. (FREUD, 1974, p.118)

Diante destas prerrogativas, percebe-se como o homem traz, originalmente, as marcas da barbárie. Entretanto, são os fatores sociais (objetivos) e individuais (subjetivos), que estão diretamente ligados ao modo como a sociedade se organiza e estabelece as relações sociais, que acionam potencialmente a barbárie. Adorno (1995) evidencia os fatores sociais como:

A ordem econômica e, seguindo seu modelo em grande parte também a organização econômica, continuam obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não emancipação. Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquela subjetividade autônoma a que se remete a idéia de democracia; conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam seu próprio eu. Desvendar as teias do deslumbramento implicaria um doloroso esforço de conhecimento que é travado pela própria situação da vida, com destaque para a indústria cultural intumescida como totalidade. (ADORNO,1995,p.43)

A indústria cultural corresponde à continuidade histórica das condições objetivas para a barbárie, pois é regida pela racionalidade tecnológica que aprisiona constantemente os homens, enquanto consumidores potenciais. Consumismo este, mantido pela criação de necessidades e pela sensação de satisfação produzidas nas pessoas, impelindo-as à busca do prazer imediato. O que contraria ao princípio de que o indivíduo se civiliza pela repressão dos impulsos, pela mediatização, isto é, pelo adiamento das satisfações, ao que Freud menciona como o princípio da realidade. Assim pode-se pensar que essa sociedade parece não educar. E nesta lógica o homem perde sua subjetividade - autonomia e consciência – e, alienado, é guiado heteronomamente pela sociedade de massas. E sob tais condições sociais de adaptação e integração, gera-se o homem subjetivamente propenso à barbárie, um homem individualista, competitivo e narcisista que descreve-se a seguir.

Adorno ao abordar a questão da negação do indivíduo alega que a sociedade da indústria cultural reduz o homem como ser genérico, massa amorfa, caracterizado pelas variáveis como idade, profissão, classe social e defini-lo externamente o anulam pela: "... pressão geral dominante sobre tudo o que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares, tem uma tendência a destroçar o particular e individual juntamente com seu potencial de resistência".(ADORNO,1995,p.122). Constata-se a generalização e padronização dos indivíduos, pela adesão aos comportamentos ditados pela mídia, pode-se exemplificar com a valorização exacerbada da juventude, essa fase da vida, é mais uma fatia do mercado em que todos querem se incluir. Assim o prolongamento da adolescência até aos 40 anos tornou-se um imperativo categórico na sociedade da indústria cultural. Tal comportamento tem deixado uma lacuna na vida das pessoas, uma vez que ninguém quer ocupar o lugar do adulto. Isto repercute fortemente na formação dos filhos, que necessitam do referencial do adulto como representantes da lei, "eles buscam encontrar na vida dos mais velhos alguma perspectiva de futuro, mas encontram um espelho deformado de si próprios."(apud KEHL in NOVAES e VANUCHI, 2004,p.97). Tais mudanças de comportamento produzidas pela indústria cultural, estão presentes no âmbito escolar com alunos sem limites e que resistem a regras, desvalorizando o conhecimento e demonstrando a ausência de perspectiva para o futuro..

A pressão exercida sobre as pessoas reduzem as reações individuais e as levam a reações padronizadas, o que lhes retira a própria condição de indivíduos, e quanto menos são os indivíduos, maior é o individualismo e o narcisismo. Isto tem levado as pessoas a perderem a capacidade de se relacionar com o outro, permanecendo apenas a capacidade de se referir à representação que eles próprios fazem desse outro. É o individualismo, e este associado à competição presente no meio social desumaniza e contraria a natureza social do homem uma vez que "... na convivência com os outros o homem é homem, tanto para Platão, como para Aristóteles, a quem pareceu "natural" a sua existência na comunidade ou na poli, dado que a verdadeira natureza humana só nela é plenamente realizada." (ADORNO, 1973, p.49)

Atualmente as pessoas demonstram indiferença umas com as outras, mantendo vínculos estreitos por intermédio de interesses, assim coisificam o outro e são também reificadas, Tudo isso é decorrente do modo como se

enquadram ao coletivo, dissolvendo-se em sua consciência e como seres autodeterminados, abdicando de seu próprio eu.

Outro aspecto que contribui para a reificação do homem é a fetichização da técnica. A tecnologia passou a ter tanta importância na sociedade a ponto de produzir indivíduos que “inclinam-se a considerar a técnica como algo em si mesma...os meios- a técnica são fetichizados, porque os fins- uma vida digna... estão encobertos da consciência das pessoas.”(ADORNO, 1995, p.132).

Conseqüentemente as pessoas com tendências a fetichização da técnica são incapazes de amar, frias, precisam negar em seu íntimo a possibilidade de amor. E, restando-lhes alguma possibilidade de amar, essa será aplicada aos meios, às coisas. Face ao exposto é importante voltar nossa olhar para a sociedade contemporânea, para as pessoas e observar o valor que se atribui aos bens materiais, à tecnologia, à ciência enquanto fins em si mesmos e questionar se que sairíamos imunes à fetichização?

Pode-se concluir que as condições para comportamentos agressivos, preconceituosos, discriminantes retratos de barbárie se mantêm pelos fatores sociais e psicológicos presentes na sociedade e nos indivíduos, e a possibilidade de desbarbarização encontra-se na educação. Apenas com uma educação pela reflexão e pelo esclarecimento desses mecanismos geradores da barbárie, que poder-se-á reduzi-la ou quiçá eliminá-la.

A renúncia ao caráter bárbaro deve ser acompanhada da renúncia ao comportamento autoritário, conforme Adorno enfatiza: “...a dissolução de qualquer tipo de autoridade não esclarecida, principalmente na primeira infância, constitui um dos pressupostos mais importantes para uma desbarbarização.” (ADORNO, 1995, p.116)

As manifestações de autoridade que cegam, na forma de autoritarismo, se originam do princípio da violência, não são conscientes, não tem o entendimento, o conhecimento. Mas, há manifestações de autoridade com outro significado enquanto autoridade consciente e de transparência quanto a sua intenção, a qual remete às condições para a desbarbarização. Adorno cita o caso da criança quando repreendida, leva “umas palmadas” porque arrancou as asas de uma mosca, esse é um momento de autoridade que contribui para a desbarbarização. O processo de autoridade esclarecida demonstra transparência na intenção do ato de repreender, constitui-se em ato educativo, orientador e de

esclarecimento que deve se fazer presente em cada momento de formação, estendendo-se para a escola e demais instâncias de formação.

A autoridade esclarecida é muito significativa no contexto escolar, pois a criança ou o adolescente que estão em processo de construção de sua autonomia, ao chegarem na escola, são heterônomos, isto é, dependem do esclarecimento, das orientações que o conhecimento escolar lhes propicia. E, gradativamente pela formação recebida constituem-se sujeitos autônomos e emancipados. A autoridade esclarecida está aberta ao diálogo, proporciona o esclarecimento, fazendo elucidações, apresentando as razões ao que propõe, sempre orientando ao sujeito para que esse possa decidir as direções de sua existência.

Educar contra a barbárie, ganha sentido por meio de uma educação humanizadora, que tem como intenção resgatar nas pessoas a sua sensibilidade em relação ao outro para a convivência civilizada. A obtenção dessa educação é garantida pela auto-reflexão crítica, autodeterminação, esclarecimento através de um clima intelectual que se constitui pela apropriação conhecimento científico e filosófico, cultural e social que não permita a irracionalidade que leva a agressão.

Frente a necessidade da construção de uma educação para a emancipação e contra a barbárie, a qual confronte os determinantes da limitação do esclarecimento, da experiência do insucesso da humanização do mundo, da generalização, da alienação e da dissolução da experiência formativa nos deteremos a compreender o que tem dificultado a formação de qualidade.

Esta é uma questão que tem mobilizado e desafiado a instituição escolar, pois mesmo ocorrendo inúmeras reformas pedagógicas com inovações metodológicas, curriculares, avaliativas, mudanças na relação professor aluno estas transformações não trazem contribuições substanciais. Sendo que algumas têm reforçado a pseudoformação na escola afastando-a, cada vez mais, de sua especificidade de transmissão do saber historicamente elaborado e de uma formação humanizadora. E porque muitas dessas reformas não têm considerado a influência que os fatores sociais exercem sobre a realidade escolar.

Adorno e Horkheimer no texto, A indústria Cultural, referem-se à disseminação do empobrecimento da cultura na sociedade: “O triunfo das corporações gigantescas sobre a livre iniciativa empresarial é decantada pela indústria cultural como eternidade da livre iniciativa. O inimigo que se combate é o

inimigo que já está derrotado, o sujeito pensante”. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 140)

A indústria cultural ao avançar por todas as instâncias culturais da sociedade capitalista banaliza toda a expressão da arte, seja na literatura, música, filmes. Torna a idéia simplificada, não exige esforço intelectual, assim, é dada para ser consumida, não dá brechas a um pensamento elaborado, pois sua finalidade é a alienação de quem dela se serve. Conseqüentemente, a cultura como fator de esclarecimento que possibilitava o pensar, a auto-reflexão é substituída pela cultura de massas, e se converte em semiformação ou pseudoformação³, rompendo com o pensamento, com a racionalidade.

A produção da indústria cultural é sustentada com biografias romanceadas baratas e vazias ou resumos adulterados de ciências, mas o leitor é convencido da qualidade do que consome. No âmbito educacional isto se repete pela adoção de livros didáticos e, apostilas com conteúdos compactados e fragmentados que substituem uma literatura mais elaborada.

A pseudoformação caracteriza-se por conteúdos que contrariam a razão e a vida intelectual e cultural e por conteúdos conformistas que favorecem a fraqueza do eu, estimulam o comportamento de assimilação e adaptação canalizando os interesses ao existente. Adorno (1995) em Educação e Emancipação evidencia a subordinação da pseudo-cultura:

Como o desenvolvimento científico não conduziu necessariamente a emancipação por estar vinculado a uma determinada formação social, também acontece com o desenvolvimento no plano educacional. Caminho tradicional para a autonomia a formação cultural, a condução do conhecimento na escola pode levar ao contrário da emancipação, à barbárie. (ADORNO, 1995, p.15)

Quando o conhecimento e o desenvolvimento científico são tomados como valor de uso, perdem o sentido ético, e obscurecem qualquer forma de esclarecimento, que emancipem o ser humano. Assim, a pseudoformação que contempla conteúdos desvinculados de uma compreensão do mundo, pelas relações sociais e dos homens em sua subjetividade, retrata a dominação da educação pela sociedade vigente.

³ A expressão pseudoformação que tem o significado de falsa formação, ausência de formação, sentido usado no texto original de Adorno; diferentemente de semiformação que tem o significado de uma formação incompleta, sentido contrário ao que Adorno apregoa a pseudoformação.

As políticas educacionais adotadas nas últimas décadas sob a intervenção do Banco Mundial e FMI, impõe um pacote educacional, que nem sempre atendem as necessidades da realidade escolar brasileira, portanto

O estímulo ao crédito na razão ou no conhecimento para o saneamento de problemas sociais deve ser examinado para além das aparências. O conhecimento que o Banco Mundial sugere para o Terceiro Mundo é produto acabado, passível de ser adquirido como mercadoria, objetivada em um pacote, utilizada segundo normas técnicas, presas ao próprio produto, por qualquer consumidor. (NAGEL, 2001, p.02)

Entende-se que tais políticas educacionais se enquadram ao contexto da razão tecnológica e têm fortalecido a pseudoformação na educação brasileira.

Adotar uma proposta educacional, na qual o conhecimento está pronto e acabado, exime os profissionais da educação da tarefa de pensar, pois o processo de conhecer em todas as suas fases foi eliminado. Assim a experiência formativa é negada aos professores legitimando a alienação destes em relação aos processos educacionais. Isto os afasta das causas e das razões que historicamente produzem o fracasso escolar e das possibilidades de reversão desse fracasso. Mediante a análise da proposta educacional sugerida pelo Banco Mundial, a Prof^a Lízia Helena Nagel reforça que:

Suprime-se pedagogicamente, nesta proposta, os atos intelectivos de compor e decompor as tecnologias, os símbolos, as representações para o entendimento dos produtos elaborados pelo homem. Desvaloriza-se o processo próprio à formação da consciência que se instaura através de uma seqüência de experiências indispensáveis. Suprime-se, de fato, a importância do ato interior de conhecer enquanto um ato humano histórico.(NAGEL, 2001,p.3)

Essa proposta que vem se concretizando nas escolas, tem demonstrado a sua fragilidade, pelo conhecimento que torna-se repetido, ao contemplar conteúdos em torno

de temas circunstanciais, tais como: controle de natalidade, nutrição, informática, ecologia, meio ambiente, trabalho e consumo, que mal compreendidos por algumas escolas ao substituírem os conteúdos clássicos pelos temas, levando a uma perda da especificidade das disciplinas. neste sentido, o conceito de conhecimento é assumido como adaptação, reforçando a heteronomia a que nos submetemos. É necessário elucidar a importância dos temas, citados acima, desde

que, ao serem trabalhados sejam articulados de forma substancial aos conteúdos das disciplinas.

. Ainda, neste contexto das políticas educacionais, o conceito de competências formulado a partir da nova LDB, aparece como categoria central nas diretrizes do Ensino Médio, direcionamento que, segundo a Prof^a Acácia Zeneida Kuenzer, seqüestrou o conhecimento pelo esvaziamento dos conteúdos da proposta do ensino médio e conseqüentemente da classe popular, e por conseguinte, afirma que:

A escola é o lugar de aprender a interpretar o mundo para poder transformá-lo, a partir do domínio das categorias de método e de conteúdo que inspirem e que transformem em práticas de emancipação humana em uma sociedade cada vez mais mediada pelo conhecimento. O lugar de desenvolver competências, que por sua vez mobilizam conhecimentos mas que com eles não se confundem, é a prática social e produtiva. (KUENZER,2002, p.17)

Desse modo, constata-se que as mudanças educacionais, através do PCNs, pela formação de competência e habilidades do aluno, atende aos interesses do mercado, e vêm fragilizar o ensino, voltando-se mais aos métodos que aos conteúdos, desvinculando educação e sociedade, o conhecimento da vida social é substituído pela experiência individual, reforçando que:

A indústria cultural dos anos 90 concretiza-se, angariando leitores manietados pela sedução das palavras... Negam-se quaisquer critérios que permitam reconhecer as práticas sociais, ou as crenças culturais válidas ou não ...negam o discurso genérico, depreciam a ciência e, valorizando a opinião conclamam a comunidade para a qualificação do ensino. Constrói-se, com ênfase, o altar para o endeusamento do prático e a negação do teórico, que garantirá aos países pobres (como querem as potências do primeiro mundo) a necessidade crescente da compra de tecnologia futura. (NAGEL, 2000, p.16)

A intervenção de mecanismos internacionais como o FMI e Banco Mundial, repercute na educação com a implantação do programa Amigos da Escola, no qual a sociedade civil deve adotar “os órfãos do estado” isentando o governo de sua responsabilidade; programas de aceleração de aprovação para desocupar vagas visando a quantidade em detrimento da qualidade da educação; A autonomia camuflada da gestão da escola com intenções da descentralização e desregulamentação, para que a sociedade assumira mais uma vez as obrigações do estado, e este preocupe-se apenas com a economia, políticas adotadas para o cumprimento de metas para o recebimento de repasses financeiros dos

organismos internacionais. Essas mudanças interferem na prática pedagógica e a escola torna-se certificadora, paternalista e assistencialista, resultando no barateamento da educação e legitimando a pseudoformação.

Com a intenção de superar a formação mínima, a instituição escolar ao ignorar as razões da pseudoformação percorre caminhos que a afastam de sua real função. Isto é perceptível pela adesão a modismos pedagógicos, atitudes assistencialistas e a psicologização da educação escolar, entre outros fatores.

Entre os modismos pedagógicos surge o construtivismo, proposta que esvaziou os conteúdos da escola, ao preconizar que o aluno é quem constrói o conhecimento, enquanto o professor passa a ser mero facilitador da aprendizagem, e os conteúdos são elencados conforme o interesse dos alunos.

Segundo Lajonquière o processo de psicologização da educação escolar, erroneamente, vem sendo a resposta para algumas situações do fracasso “pensa-se que o fracasso escolar é o produto somatório dos ditos erros ou problemas de aprendizagens, bem como, esses resultam da não adequação dos métodos aos estados singulares das capacidades da clientela”. (LAJONQUIÈRE, 1997, p. 27)

Assim, atendimentos alternativos oriundos da psicopedagogia ou atendimentos que exijam um conhecimento específico do desenvolvimento maturacional/capacidades da criança, têm substituído ou até eximido o professor de sua tarefa de ensinar. E o que se observa é que muitos dos alunos que têm atendimento especializado, ao serem dispensados desse acompanhamento, voltam a apresentar as mesmas dificuldades no ensino regular. Levando a pensar que muitas das dificuldades de aprendizagens podem ser explicadas pela relação professor, aluno e o conhecimento

Neste processo de formação, a escola cumpre parcialmente seu papel, decorrente das condições sociais que invalidam uma sólida formação, e recuperá-la segundo Adorno, deveria constituir-se, possivelmente, no resgate de uma formação no sentido estrito da palavra.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA POSSIBILIDADE DA EDUCAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO E O ESCLARECIMENTO NO CONTEXTO DA ESCOLA PÚBLICA.

No contexto da sociedade capitalista em que o conhecimento é usado a serviço do capital, para a manutenção do mercado através do consumismo, perde-se a intencionalidade do ideal iluminista na qual a ciência - o conhecimento científico, filosófico e social- que instaurou a razão como elemento explicitador das incertezas humanas, para libertar os homens das explicações míticas possibilitando o esclarecimento que os livrou do medo e fez deles senhores. Esse ideal do esclarecimento é solapado, na modernidade, pela indústria cultural, que conduz a exploração e dominação do homem, afastando-o da democracia e prevalecendo desse modo a racionalidade da irracionalidade. Conseqüentemente o homem que tem aos seus pés a razão para tudo compreender e ser autônomo retrocede e, essa razão inverte-se, induzindo-o para a heteronomia.

Diante desses pressupostos, entende-se que a verdadeira função da escola poderia consistir na formação para o esclarecimento, papel que a instituição escolar não vem desempenhando, pois sabe-se que ela é determinada socialmente, e por conseguinte vem atendendo aos interesses da razão instrumental, legitimada por políticas públicas educacionais que privilegiam uma formação voltada aos interesses do mercado. Somando-se ao agravante das desigualdades sócio-econômicas de nosso país as quais interferem na escola, delegando a esta, a tarefa de assistencialismo e paternalismo, eximindo-a de seu verdadeiro papel em propiciar o acesso ao conhecimento, possibilidade única para o esclarecimento que emancipa as pessoas.

As políticas educacionais vêm sendo aceitas passivamente nas instituições escolares pela falta de conhecimento e aprofundamento teórico dos profissionais da educação. Percebe-se a necessidade de uma formação continuada que conduza os docentes a sua própria emancipação, a qual pressupõe a aptidão e coragem de cada um se servir de seu próprio entendimento pelo argumento e experiências que traduzam suas certezas a cerca de seu trabalho. Entrementes, a escola não se constitui somente de adaptação, há momentos de formação que conduzem ao esclarecimento, um exemplo é a própria proposta do PDE, que vem

propiciando uma formação em parceria com as universidades objetivando subsidiar os docentes com fundamentos teóricos consistentes articulando a teoria à prática pedagógica. Nesses parâmetros é possível acreditar que a consolidação da função da escola para o esclarecimento, se constitui pela educação que nega o caráter repressivo e unilateral da indústria cultural.

Assim almejar uma educação para a emancipação e para o esclarecimento requer inicialmente que os profissionais envolvidos com a educação, estejam munidos dos fundamentos teóricos dentre os quais os da Teoria Crítica, a fim de que possam realizar uma leitura crítica da sociedade, desvelando seus determinantes sociais e percebendo que a indústria cultural detém as condições objetivas da perda da dimensão emancipatória do homem e repressivamente forma a identidade da subjetividade social contemporânea que se converte na desumanização da sociedade.

Se a educação no sentido de promover a emancipação, consiste na produção de uma verdadeira consciência, colocada como necessidade política em função de que uma democracia efetiva só pode ser imaginada em uma sociedade emancipada, considera-se relevante e cabe a escola explicitar a alienação a qual estamos submetidos. Nestes termos, e com o embasamento teórico pesquisado somado às contribuições obtidas nos estudos e reflexões realizados com os professores do GTR e da escola Estadual Julio Nerone, foi possível articular teoria e prática e chegar as seguintes considerações, quanto a concretização de uma educação para a emancipação:

-- A escola deve proporcionar uma formação humanista, pelo resgate do conhecimento clássico, das grandes contribuições do pensamento universal, valorizando a estética, a arte, a música, a literatura e não somente o conhecimento utilitarista e pragmático. Pois, entende-se que o conhecimento é a possibilidade das pessoas adquirirem o esclarecimento para a transformação da sociedade. Portanto, a negação ao conhecimento e a uma formação de qualidade para os alunos é a própria barbárie.

-- A obtenção do esclarecimento, dentro das atuais possibilidades da escola, consiste em uma prática pedagógica que propicie o acesso ao saber elaborado, à consciência crítica frente aos desafios propostos pela modernidade. E a compreensão da cultura e da sociedade será obtida na articulação dos conteúdos das diferentes disciplinas com as contradições da sociedade. Assim, a condução

dialética entre a especificidade de cada disciplina e as contradições sociais, possibilita um olhar crítico no tocante aos aspectos que mantêm as condições de desigualdades sociais e desagregação social, tais como: consumismo, competição exacerbada, individualismo, enfraquecimento das relações, valorização do ter e detrimento do ser, perda dos valores humanizadores, discriminação, preconceito, busca imediata do prazer, de entretenimento, ausência do espírito coletivo, alienação das pessoas pela massificação e pela banalização da vida.

- Valorização e efetivação de uma Proposta de Formação Continuada aos Docentes, com o suporte teórico na Teoria Crítica da Sociedade visando a obtenção de seu próprio esclarecimento, tendo como foco: reflexões sobre a escola e sua relação com a sociedade, reconhecendo que as questões educacionais estão ligadas aos aspectos econômicos, sociais e culturais; Aprofundar os conhecimentos básicos da psicanálise, da psicologia, sociologia e pedagogia. E, com estes elementos confrontar os determinantes da limitação do esclarecimento, da experiência do insucesso da humanização do mundo, da generalização, da alienação e da dissolução da experiência formativa.

- Ter como princípio a formação do aluno para a autonomia, orientando-o para caminhar sozinho, atingindo a sua emancipação por meio de sua autonomia intelectual. Autonomia construída pela análise, aprendendo a fazer relações, a argumentar, a pensar por si, e compreendendo que a autonomia intelectual total é impossível, em razão de que se está em permanente busca de algo, ainda, desconhecido. A construção da autonomia inicia pela heteronomia do aluno, isto é, o aluno parte da dependência ao adulto e por sucessivas orientações, obtém a sua autonomia que se estende até a escala social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER M. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 6 out. 1988.

BRASIL. Secretaria de Educação Infantil e Fundamental. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

FREUD, S. **O mal estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

INEP. **Resultados SAEB e Prova Brasil**. Disponível em www.inep.gov.br, 2007.

KEHL, Maria Rita. **A Juventude como Sintoma da Cultura**. In NOVAES R.: VANNUCHI P. Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação Cultura e Participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004

KUENZER, Acácia Z. **Conhecimento e competências no trabalho e na escola**. Boletim Técnico do SENAC, Rio de Janeiro, v.28, n.2 mai/agos, 2002

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **Dos “erros e em especial daquele de renunciar à educação**. Notas sobre psicanálise e educação. Estilos de Clínica: Revista sobre a Infância com Problemas, número 2, p. 27- 43.1997.

NAGEL, Lília H. **Educação e Ensino: para quê?** Texto apresentado como conferência na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Mandaguari, 2005.

NAGEL, Lília H. **O conhecimento a serviço do desenvolvimento. Uma “revolução” conceitual e prática**. Revista eletrônica da histedbr. Disponível em www.unicamp.br

OLIVEIRA, Newton Ramos, PUCCI Bruno e ABREU, Cláudia B. M. de. **Tradução da Teoria da Semicultura**. Revista Educação e Sociedade. n 56. Ano XVII dezembro de 1996, p. 388-411.

PARANÁ. **Ensino Fundamental na Rede Pública de Ensino da Educação Básica do Estado do Paraná**. SEED, 2006.